

VERDADE E FICÇÃO EM UMA ERÓTICA PRAGMÁTICA¹

Jeferson M. Pinto
UFMG

RESUMO

Este texto analisa as relações entre verdade e ficção, sob o ponto de vista da Psicanálise, e, a partir disso, explicita algumas conseqüências para a clínica e teoria psicanalíticas. Delineiam-se, ainda, algumas reflexões sobre a teoria da feminilidade, de Lacan, tomando-a como necessária para se pensar as relações entre a verdade e o real por meio da contingência.

PALAVRAS-CHAVE

verdade, ficção, feminilidade

“ – a mulher, quero dizer o em-si da mulher – como se se pudesse dizer *todas as mulheres* – a mulher, insisto, que não existe, é justamente a letra”.²

Feliz e oportuno o título deste colóquio. O conectivo e pode sugerir, por um lado, a conjunção e a disjunção envolvidas entre os campos da ficção e da Psicanálise. Poderíamos pensar na soma fantasmática das partes, mas o espírito do nosso colóquio não é, evidentemente, este. Por outro lado, ressalta o espaço onde a diferença entre dois significantes pode favorecer alguma escrita e, ao mesmo tempo, impede a absorção de um dos pólos pelo outro. Além disso, ao mencionar o fato de que o e está em questão, o título da mesa de ontem (*LIPSI: O E em questão*) nos alerta que o conflito como marca da teoria psicanalítica pode estar com os dias contados. Neste caso específico, a Literatura seria o campo que absorveria a Psicanálise? Seria o campo que ocuparia o lugar que um dia já foi imaginado ser o da Medicina, da Filosofia, da Psicologia e de outros tantos? O caso contrário seria o horror – o de decretar o fim da ficção –, pois isso significaria que a Psicanálise teria conseguido dominar o real. Estamos descrentes da interpretação, da história, agora que constatamos que o simbólico não descreve a verdade? Ou melhor, que não há a verdade a ser descrita pelo simbólico? Se a verdade tem a estrutura de ficção, o que significa o e do

¹ Este artigo é dedicado para algumas das mulheres da *letra*: Ana Maria Portugal Saliba, Lúcia Castello Branco e Ruth Silviano Brandão. Este texto foi apresentado no Colóquio LIPSI – Literatura e Psicanálise: o E da questão, realizado nos dias 6 e 7 de novembro de 2003, na FALE/UFMG.

² Lacan, *Seminário XVIII: De um discurso que não seria do semblante*, Lição 6.

título desta mesa? A conexão entre os dois termos indica que há algo do real aí subtendido? Se a verdade se revela na dependência do sentido, ela deixa de ser necessária à Psicanálise? Ou o e indica apenas que não é possível dizê-la toda? Não contamos com a possibilidade de um tratamento do real pelo real, de uma estética pulsional? Ou podemos contar com uma noção de verdade diferente da de uma verdade suposta a ser revelada? De qualquer maneira, a discussão, além de clínica, complexa e pantanosa, é também ética.

O problema se coloca porque não há referente para o discurso. A verdade por adequação, por correspondência com a coisa, ou mesmo a verdade por coerência na associação livre, são insuficientes para caracterizar as relações entre o significante e o real. O discurso se sustenta através de um grampeamento arbitrário efetuado por um elemento do próprio discurso, e que nos dá o *semblant* de um referente. Isso nos possibilita o laço social e faz com que não vivenciemos o discurso como delirante. Porém, o uso do significante é arbitrário.

Além disso, a língua é não-toda, sendo impossível prevermos as possibilidades de significação. Há sempre um excedente de gozo que não se submete às marcações significantes, deixando em aberto o uso e a possibilidade de invenção de um significante novo. A dualidade, sustentada por um e, sempre foi a marca da Psicanálise.

Desde o início, Freud sustentou a dualidade pulsional, em suas várias versões, caracterizando a impossibilidade de se constituir a síntese entre os elementos em conflito. Ressaltou o obstáculo como o real a ser tratado e como o sinal da impossibilidade de absorção dos elementos, a não ser pela via do sintoma. Nesse sentido, o sintoma era o problema, pois ajuntar pedaços (sin-toma) seria a forma de evitar-se a castração.

A dualidade como marca teórica foi sendo revelada de diversas formas e em diversos níveis, desde o da construção metapsicológica até os meios para se lidar com a dualidade significante-pulsão, seja na clínica seja no relato do caso. Como construir um caso clínico a partir de um romance familiar? Isto é, como extrair alguns elementos de uma narrativa singular e elevá-los à categoria de estrutura? Mas, conseguida a façanha, como escutar outro analisante sem realizar a via de mão dupla, isto é, respeitando-se sua singularidade, a contingência de sua história, sem reduzi-lo a um caso particular da função universal ao elidir sua verdade? Sabemos, por exemplo, que o diagnóstico estrutural é paradoxal: cada manifestação histérica, por exemplo, se mostra como exceção ou diferença em relação aos demais casos já atendidos de histeria. Embora contemos com o saber referencial, cada análise é conduzida em função daquele caso particular.

Assim, podemos dizer que o inconsciente se estrutura como linguagem, de maneira contingente, a partir do encontro com o real. Podemos até verificar as leis da linguagem e construir um universal abstrato, mas não estaremos descrevendo a “verdade” do inconsciente. Precisamos também da contingência, da enunciação. Em outros termos, como conjugar um escrito científico “e, portanto, descomprometido com a sedução estilística da narrativa”,³ em favor da dissecação dos elementos constituintes do sintoma, com uma escrita que facilite a recepção pelo leitor? Como conjugar, em uma interpretação, a palavra que não apenas alcance o fator quantitativo, mas, também, favoreça a subjetivação do real

³ TEIXEIRA. O que significa escrever em Psicanálise?, p. 20.

pelo analisante? Como pensar o fim ético universal de fazer coincidir o desejo e a lei, válido para todos os sujeitos, com a presença de um sujeito finito, contingente⁴? Como sustentar a ênfase na perda de gozo, caracterizada pela castração e pela função fálica, em face do encontro particular com o amor e com o gozo? Como lidar, ao mesmo tempo, com a Lógica, que busca uma certeza, e com a Retórica, que nos aponta o provável da verdade?⁵ Com o necessário e o contingente; a ciência e a poesia, o matema e a ficção; o homem e a mulher...

O e talvez seja, de fato, o elemento presente que garante a possibilidade de se pensar a verdade “como uma parceira resistente, que traz consigo as dificuldades próprias de um amor difícil”.⁶ Sua exclusão – a do e – torna qualquer um dos elementos das oposições acima incapaz de fazer a verdade cintilar na impossibilidade de ser enunciada.

Todos as oposições citadas parecem remeter a uma tentativa de escrita da relação sexual impossível. Não estou sendo reducionista, pois as estou considerando dentro de nosso campo epistêmico, também um caso particular de escrita incluído no campo do saber.

Eliminar o e em questão é abandonar um ou vários pólos do conflito, em favor de uma saída que escamoteie a inexistência da relação sexual. Seria eliminar o sintoma que nos indica que há real. Se há um sintoma que resta após um esvaziamento do gozo, que se mostra como sem-sentido, é porque não existe um saber no real sobre a relação sexual. Se o real dos sexos fosse fielmente traduzido pelas letras, haveria, como na ciência, um saber no real. Não haveria, portanto, o sintoma. O conflito estaria dirimido e a Psicanálise poderia se contentar com sua dimensão puramente terapêutica, ou seja, a de acomodar as pulsões à linguagem. Também não haveria o que criar com os restos sintomáticos, pois estaríamos restritos ao regime do necessário.

O problema é que aquele conflito, em suas várias dimensões, é suportado por um sujeito sob a forma de um trauma. É a verdade que se mostra no instante mesmo em que o real se esvai, caracterizando uma desaparecência, uma desapareciência.⁷ Há, assim, um real que interessa à Psicanálise, exatamente por mostrar um impossível a ser sabido e, por isso, criamos um sintoma. Esse sintoma pode ser um problema, mas pode se transformar em solução se tivermos certa sabedoria ou uma douta ignorância para adotá-lo como fonte de criação. Pelo menos, é o que o analista tenta fazer ao trabalhar sob transferência. Como afirmou Lacan no *Seminário VIII*, a transferência é a “fonte de ficção onde o sujeito constrói alguma coisa”,⁸ caso o analista o permita, é claro. Digo isso porque a imersão no ficcional faz supor a existência de um sentido último a ser revelado como a verdade das razões construídas. Mas, como já disse, o título de nossa mesa sugere, pelo menos para mim, que a verdade passa a ser interessante quando confrontada ao real. Como então lidar com as ficções e chegar ao sem-sentido do real? Como contar com o *pas-de-sens*, *pas-a-lire*, com a ausência de sentido e leitura e, por que não?, do delírio, mas que, simultaneamente, nos dá o passo a ler, o que permite que o significante se torne novo?

⁴ LIMA. *O sujeito da experiência psicanalítica entre o necessário e o contingente*.

⁵ MILLER. *Um real para a Psicanálise*, p. 15-18.

⁶ SANTIAGO. *Final ou finais de análise?*

⁷ CASTELLO BRANCO. *Como nada mais passa na vida, exceto ela*.

⁸ LACAN. *Seminário VIII: A Transferência*, p. 207.

Para fazer com que o real seja tomado como verdadeiro, o sujeito deve se apropriar do ato analítico. Se o analista se prende aos ditos e se esquece do dizer no que se ouve, a construção da ficção ancorada no enigma pulsional se torna interdita. A validade da proposição depende, também, da enunciação, de modo a fazer com que o ficcional dê a tão almejada qualidade de vida retirada pelo discurso científico, conforme nos ensina Bento Prado sobre a crítica de Wittgenstein à Ciência.

A Psicanálise sempre nos indicou isso, mas foi necessária a construção de uma teoria sobre a forma de inclusão da mulher na função fálica para que se tornasse evidente. Antes da intrusão da contingência, do não-todo, preferimos o Pai idealizado de modo a sustentar o universal da função fálica.⁹ O Nome-do-Pai tornou-se a referência privilegiada, e a estrutura adquiriu o valor de escrita do real da castração da Mãe. Tudo faz manter o mito universal do Édipo. Esquecemos, porém, que o Pai sustenta sua virilidade é diante do gozo de **uma** mulher, e que a mãe não precisa ser boa, basta ser suficientemente mulher e se posicionar como causa. Vista dessa maneira, a estrutura é uma forma contingente de organizar os elementos a partir do encontro com o real. Ela é semblante.¹⁰

O predomínio da articulação significativa escandiu a dimensão do gozo do vivente como se se pudesse escrever, pela estrutura, o que seria o real da impossibilidade sexual, o qual permanece em fuga. Contudo, a partir da noção de *semblant*, Lacan nos deu a *letra*, ponto de Arquimedes para um retorno möebiano à pulsão.

A letra é, assim, o ponto de interseção entre linguagem e gozo, mas mantém a tensão, dada sua própria característica de “alojar um gozo no vazio da escrita”.¹¹ Ela revela o que não se dá a ler e que exige decifração, mas é também cifração e fonte de possibilidade ficcional. O ficcional que interessa, exatamente por fazer valer a verdade durante sua própria construção, é o ancorado nos elementos que funcionam como propriedades residuais, incuráveis, sem plasticidade. O sujeito advindo dessa operação com a letra está sempre na dependência do ato, está sempre por vir.

Isso nos faz ver que, para a Psicanálise, a verdade é complexa, desdobrada em ficções e não enunciada de forma simples e direta. Como disse Lacan em seu texto “A Coisa Freudiana”, ela exige um percurso, é humilde. Eu acrescentaria que, por essa característica mesma, ela também é soberba, pois é alheia à realidade. Ela é o efeito da inadequação entre a coisa e a representação, entre a vida e a repetição, e superior à ordem dos acontecimentos. Ela se encontra, então, em algum lugar que o e ocupa: está nas entrelinhas, articulável à linguagem, mas não à palavra. O ato de fala não a diz, a não ser por alusão.¹²

Certa vez, uma cliente disse para seu analista que queria se casar com ele ou, pelo menos, fazer sexo com ele. Mas, também disse, em seguida, que ela sabia que a análise era um expediente ficcional, que o percurso iria se dar na linguagem, e que, por isso, ela faria suas ficções à vontade: “Quem sabe, a partir desse expediente, eu possa ser tocada por alguma coisa que eu chame de minha verdade?”, arrematou. Julgava que somente seria

⁹ LAURENT. *Le nevrosé, peut-il se passer du père?*

¹⁰ MILLER. O último ensino de Lacan, p. 22.

¹¹ LIMA. *O sujeito da experiência psicanalítica entre o necessário e o contingente.*

¹² MILLER. *De la naturaleza de los semblantes*, p. 220.

capaz de fazer as ficções, de produzir algum sentido para a vida, se se sentisse invadida por algum excesso de amor, medo, vaidade etc. Por isso, estava a inflacionar o imaginário da transferência.

Após algumas sessões, como se estivesse curiosa com a constatação da lógica do não-todo, relatou ao analista ter “começado a leitura de um livro sobre a mulher”, o de Serge André, e se intrigou com o título de um dos capítulos: “O que posso saber disso?” Ela se perguntava se o procedimento daria certo, pois não havia nela nenhum excesso que a pudesse tocar de modo a revelar sua verdade. Mas lhe parecia evidente que havia algo que não lhe era dado a saber. Entretanto, como se estivesse sabendo do parentesco da verdade com o gozo – ela não sabe que são irmãos – anunciava que o saber que construía nessas ocasiões de excesso não lhe dava condições de conhecer sua verdade: sentia-se limitada em sua articulação de palavras, ensinando ao analista que até a debilidade conceitual que impedia a captura de sua verdade era uma forma de manifestação contingente da própria verdade. Ela acabou por esclarecer, ainda, o que afirma Lacan, no final do *Seminário XVII*: a verdade é o que não se pode dizer ou é o que só se pode dizer com a condição de não levá-la até o fim (só se pode semidizê-la). E é a própria linguagem que o impede, pois ela é um aparelho de gozo que funciona como limite. Por isso, só se interpela o gozo pelo semblante.

A verdade funciona, então, apenas como um lugar que o saber ocupa para interpelar o sujeito quanto à causa do desejo. Nesse sentido, ela mudou de *status* durante a elaboração teórica de Lacan. Em “Ciência e Verdade”, por exemplo, ele disse que o procedimento de Freud foi o de fazer a verdade falar, caminhando na contramão do empreendimento científico. Com o deslocamento do inconsciente para o lugar do saber, a verdade teve sua impotência desnudada e passou a ser o que se oculta sem, contudo, ter o poder metafísico de estruturar a ficção. Ela se desdobra no processo de procurá-la pelo sentido. Apesar disso, continuamos a sustentar sua existência e sua importância no caráter mesmo da singularidade: o singular, o modo como o ato revela o sujeito como resposta única ao real, é que vai nos ensinar sobre um universal concretamente realizado naquele instante.

A verdade, então, insiste para ser decifrada, mas deve ser repensada a partir da singularidade, da explicitação do não-todo. O lado masculino das fórmulas da sexuação nos ensina a possibilidade da demonstração a partir da modalidade do necessário. Mas o não-todo abre a possibilidade de se pensar infinitos modos de ser e mostra que o universal da função fálica não prevê como se dará a forma de existência.

Essa condição da verdade, no entanto, não implica que possamos adotar um relativismo. Ao contrário, seu lugar se desloca para o que a inexistência dA/Mulher nos ensina: o de estabelecer como a contingência revela o universal da presença da verdade em ato. Como não há um significante que totalize o que seria a mulher, isso seria um paradoxo, sua existência pode se dar ou não. Do mesmo modo, para que o sujeito se faça pelo desejo, é necessário um ato que o desvencilhe de procurar sua verdade. O efeito de verdade é constatado no *a posteriori*, ele vem por acréscimo e, não, como condição.

Assim, é a teoria sobre a Mulher que revelará o real que nos interessa, aquele caracterizado pela impossibilidade de se escrever a relação de um sexo ao Outro. A demonstração desse impossível nos traz uma complicação adicional à da Ciência, pois teremos de fazê-lo pela contingência. Didaticamente, podemos dizer que a Psicanálise se

vê, então, obrigada a operar **entre** (ou, a partir de) dois momentos, já que encontramos o real que nos interessa somente se considerarmos, em um primeiro momento, a redução aos elementos mínimos que escrevem o necessário. O segundo momento seria o da contingência que torna possível, pelo ato, pela invenção, mostrar uma forma de operar com o gozo que parasita a literalização. Uma operação que constituirá uma escrita; talvez, até mesmo, um estilo.

Continuamos a depender, então, tanto da vocação científica quanto de uma criação “literária” em Psicanálise. De um lado, o impossível da Ciência que se revela pela necessidade – o que não cessa de não se escrever como resultado do que não cessa de se escrever. De outro, o real da Psicanálise que se mostra pela contingência, pelo encontro que faz cessar o impossível da relação sexual.¹³

Por isso, dissemos que a verdade se desdobra em outros registros, que ela não se revela ou não se demonstra. O lado da Mulher mostra a possibilidade da invenção, de uma forma de operação com o *semblant* de **a**, esse *semblant* privilegiado que nos permite trabalhar, a partir de um real, com a estrutura de ficção ao ocupar o lugar deixado pela impossibilidade do todo da língua. A verdade é, assim, como mulher e, por isso, concordamos com Miller quando ele diz que “a verdadeira mulher é a que não tem mas faz alguma coisa com esse não ter”.¹⁴

Assim, não podemos prescindir da noção de verdade porque é com ela que interpelamos a relação do sujeito com o real. O simbólico encontrado no real após a análise permite a certeza e, por isso, continuamos a precisar da Lógica. Mas, além disso, para que a certeza se mostre verdadeira, é necessária a subjetivação, é necessário que o sujeito se aproprie desse encontro com o real para torná-lo (o encontro) verdade.¹⁵ Para tal, contamos tanto com a satisfação irreduzível da pulsão – a que não se esvaece, tampouco se atravessa –, quanto com as infinitas possibilidades da *alíngua*. É essa subjetivação que suspende o paradoxo da satisfação pulsional e revela, em uma pragmática do gozo,¹⁶ uma verdade desdobrada entre o necessário e a contingência.



RÉSUMÉ

Ce texte analyse les rapports entre la vérité et la fiction du point de vu de la psychanalyse et, à partir de cela, il explicite quelques conséquences pour la clinique et la théorie. Il y en a, aussi, quelques réflexions sur la théorie de la féminité, de Lacan, nécessaire pour penser las relations entre la vérité e le réel à partir de la contingence.

MOTS-CLÉS

verité, fiction, féminité

¹³ IANNINI. Figuras da verdade: a contingência e o impossível.

¹⁴ MILLER. *De la naturaleza de los semblantes*, p. 19.

¹⁵ Tornar o encontro verdadeiro no sentido de criar um saber que funcione como verdade, já que não há verdade sobre o real exatamente por este se caracterizar como o que escapa ao sentido.

¹⁶ Em uma fricção da fixação, diria Ruth Silviano Brandão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTELLO BRANCO, L. Como nada mais passa na vida, exceto ela. In: GONTIJO, T.; RODRIGUES, G. V.; FURTADO, A. A. P.; SALIBA, A. M. P. M. (Org.). *A escrita do analista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003. p. 223-232.
- IANNINI, G. Figuras da verdade: a contingência e o impossível. *Estados Gerais da Psicanálise: 2º Encontro Mundial*. Publicado no sítio da internet dos Estado Gerais da Psicanálise, Rio de Janeiro, outubro de 2003.
- LACAN, Jacques. *De um discurso que não seria o do semblante*. Lição 6. Publicação interna do Centro de Estudos Freudianos de Recife, traduzida por Letícia Fonseca, a partir da publicação interna da Associação Freudiana Internacional de Paris, 1995, Recife.
- LACAN, J. *Seminário VIII: A Transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LAURENT, E. Le névrosé, peut-il se passer du père? *Révue de la Cause freudienne*, Paris, n. 21, p. 202, 1992.
- LIMA, M. Lima, M. *O sujeito da experiência psicanalítica entre o necessário e o contingente*. 2002. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, Belo Horizonte.
- MILLER, J. A. O último ensino de Lacan. *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 35, p. 6-24, jan. 2003.
- MILLER, J. A. *De la naturaleza de los semblantes*. Buenos Aires: Ed. Paidós, 2002. Texto estabelecido por Silvia Elena Tendlarz.
- MILLER, J. A. Um real para a Psicanálise. *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 32, p.15-18, 2001.
- SANTIAGO, J. Final ou finais de análise?. Texto apresentado na Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Bahia, 2003. (cópia)
- TEIXEIRA, A. O que significa escrever em Psicanálise. *Almanaque de Psicanálise e saúde mental*. n. 8, ano 5, p. 20, 2002.